

Depoimento sobre certas atitudes de Marco Oliveira Borges

No meio desta questão toda, não posso de maneira nenhuma ficar de fora e sinto-me forçado a publicar aqui um depoimento que, de acordo com o meu carácter, preferiria guardar só para mim.

É verdade que Marco Oliveira Borges tem seguido, desde 2010 ou 2011, os trabalhos arqueológicos levados a cabo pela equipa do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas no Alto da Vigia e que, na sequência desse contacto, tem publicado alguns estudos nos quais, de um modo ou de outro, aborda as descobertas feitas neste sítio arqueológico e noutros da mesma região.

É também verdade que Oliveira Borges falou amiudadas vezes com elementos da mencionada equipa, comigo próprio – como aliás refere –, beneficiando da «disponibilidade sempre demonstrada».

Mas infelizmente é ainda verdade que Oliveira Borges abusou, sem qualquer escrúpulo deontológico, da dita «disponibilidade sempre demonstrada», publicando em primeira mão e como coisa sua muitas das evidências arqueológicas que presenciou no decurso dos trabalhos arqueológicos a que era alheio, bem como opiniões, ou mesmo hipóteses científicas, que ouviu da boca dos membros da equipa.

Não me interessa aqui avaliar da bondade, ou da insuficiência, dos métodos analíticos de Oliveira Borges, pois em tempos já lhe transmiti pessoalmente sobre os mesmos os conselhos que achei oportunos e construtivos, que no entanto creio que lhe foram pouco úteis. Importa-me apenas, aqui, testemunhar o *modus operandi* pouco honesto deste senhor, pelo menos no que ao Alto da Vigia se refere.

Não se trata, como é óbvio, de uma questão de diferenças de opinião, até porque – ao que saibamos – Oliveira Borges não é arqueólogo, nem epigrafista, nem especialista em História Antiga. Mas sim de um claro abuso da boa fé de quem o recebeu durante os trabalhos e com ele trocou impressões. Apenas um exemplo: será normal que um simples visitante da escavação – único estatuto que, neste contexto, se poderá com justeza atribuir a Oliveira Borges – seja a primeira pessoa a comunicar ao meio científico, através de publicação, a importantíssima descoberta do *ribat* do Alto da Vigia, adiantando-se por sua conta e risco a todos os membros da própria equipa operante no terreno? Será que Oliveira Borges nunca ouviu falar em prioridade científica? Nem em regras deontológicas?

Na minha opinião – e na de muitos outros estudiosos –, um investigador não é apenas alguém que pesquisa e publica, mas sim aquele que pesquisa e publica os resultados dos seus trabalhos, e não dos trabalhos alheios, e que assim cumpre, não só no domínio académico mas também no deontológico, os critérios de rigor, de honestidade e de dignidade que caracterizam um verdadeiro cientista.

Apenas um diletante moralmente mal formado – ou, dê-se o benefício da dúvida, totalmente inconsciente – age como Marco Oliveira Borges.

José Cardim Ribeiro

Colares, 1 de Julho de 2020